



RELICI
**COM A CABEÇA NA LUA: UMA LEITURA DO ROMANCE DA TERRA À LUA DE
JÚLIO VERNE¹**

*WITH THE HEAD IN THE MOON: A READING OF THE ROMANCE FROM THE
EARTH TO THE MOON OF JÚLIO VERNE*

João Carlos Firmino Andrade de Carvalho²

RESUMO

Depois de algumas considerações iniciais, apresenta-se uma leitura do célebre romance francês de ficção científica, *De la Terre à la Lune* (primeira parte da conhecida trilogia romanesca de Júlio Verne), destacando algumas das suas dimensões significativas: a exploração das possibilidades e limites do conhecimento humano; a importância da aliança entre o saber *útil* e *inútil* para o avanço do conhecimento; o olhar simultaneamente crítico e fascinado acerca do decadentismo imperial; o recurso a uma retórica da ironia e da hipérbole; o carácter antecipatório da exploração do Espaço e da própria questão ambientalista.

Palavras-chave: ficção científica, Júlio Verne, conhecimento, decadentismo imperial, retórica.

ABSTRACT

After some initial considerations, a reading of the famous French novel of science fiction, *De la Terre à la Lune* (first part of the well-known novel's trilogy of Jules Verne) is presented, highlighting some of its significant dimensions: the exploration of the possibilities and limits of human knowledge; the importance of the alliance between *useful* and *useless* knowledge for the advancement of knowledge; the simultaneously critical and fascinated look at imperial decadentism; the use of a rhetoric of irony and hyperbole; the anticipatory character of the exploitation of space and the environmental issue itself.

Key words: science fiction, Júlio Verne, knowledge, imperial decadentism, rhetoric.

¹ Recebido em 27/02/2020. Aprovado em 02/09/2020.

² Universidade do Algarve/Universidade de Lisboa. jccarva@ualg.pt

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 61-71, set, 2020
ISSN: 2357-8807



RELICI

62

Pelos meus 6 anos e meio de idade, numa noite de julho de 1969 (ano da escandalosa *Desfolhada* de Simone de Oliveira e do violento sismo que abalou o país), fui eu acordado pelos meus pais para assistir televisivamente a preto e branco, em comunhão com muitos milhões de habitantes deste planeta, à chegada do primeiro homem à Lua, cumprindo-se parte do que, em 25 de maio de 1961, John Kennedy prometera aos seus concidadãos na sessão conjunta do Congresso e do Senado. Imprimindo a primeira pegada humana no solo lunar, em 20 de julho, Neil Armstrong proferiria a célebre frase: “Um pequeno passo para o Homem, mas um passo gigantesco para a Humanidade.” Logo depois, em 24 de julho, cumpria-se também o regresso à Terra dos novos heróis planetários.

Há muito pouco tempo – em outubro de 2018 – estreou, nas salas de cinema do nosso país, a película *O primeiro homem na Lua*, do realizador Damien Chazelle, escrita originalmente por James R. Hansen e com argumento de Josh Singer.



Figura 1: Cartaz do filme *O primeiro homem na Lua* de Chazelle

O filme trata do tema da superação humana de forma convincente. Logo no início, surge a referência a Júlio Verne, de seu nome original e completo Jules Gabriel Verne, francês, nascido em Nantes, em 1828, e falecido em Amiens, em 1905, autor que sempre carregou o fardo de uma certa marginalização relativamente



RELICI

63

à dita *boa literatura* como arte reservada a um escol e enquanto coisa demasiado séria incompatível com os géneros em que a sua escrita foi inimitável: o romance de aventura, o romance de ficção científica e o romance do fantástico. Em vida, sempre lamentou não fazer parte da Academia francesa e, depois de morto, a sua obra sempre foi injustamente catalogada como estritamente destinada a um público juvenil (nisto em parte acompanhado por outros autores como Robert Louis Stevenson, Jonathan Swift, Daniel Defoe, etc.). Ao longo da sua vida, Júlio Verne viajou bastante. Passou até por Portugal, tendo-se encontrado, em Lisboa, com o seu editor português, David Corazzi, mas também com grandes nomes da cultura portuguesa, tais como Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão ou Columbano Bordalo Pinheiro. Da conversa com um deles terá ficado a saber da influência que um romance seu teve sobre um romance de um grande escritor português da época – Eça de Queirós³.

Regressando ao filme de que falávamos atrás, registre-se que nele não só se faz referência ao nome de Verne como também se cita uma das suas obras mais conhecidas – *De la Terre à la Lune*, romance publicado em 1865, prenunciador de acontecimentos futuros reais e em cuja narrativa uma nave espacial, com três personagens a bordo, é ejetada de Tampas – Florida, apenas a alguns quilómetros do Cabo Canaveral de onde sairá, efetivamente, cerca de cem anos depois (em 1969), a nave Apolo 11. Deve dizer-se, em boa verdade, que outras obras anteriores à de Verne podem ser igualmente prenunciadoras da ida à Lua – relembremos apenas *História Verdadeira* de Luciano de Samósata, *Voyage dans la Lune* de Cyrano de Bergerac, entre outras – embora, é certo, não com o grau de precisão antecipadora de Verne. Claro que se a Literatura se interessa desde sempre pela Ciência (exemplo disso é justamente a ficção científica como género literário),

³ Cf. Malato, Maria Luísa (s/d.). “Júlio Verne, da Terra à Lua: uma parábola do Conhecimento muito útil para quase tudo”. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12525.pdf>



RELICI

64
também a Ciência se interessa pela Literatura, imitando-a. Pode estar aqui a explicação simples para essa tal antecipação verniana do feito dos EUA nos idos de 60, colocando este país no primeiro lugar da corrida ao espaço vivida na época (os outros concorrentes diretos eram os cosmonautas russos, como é sabido). Mas já que começámos por falar na sétima arte, recorde-se que a referida obra de Verne motivou (tal como a de H. G. Wells, *The first men in the moon*, 1901) a célebre leitura cinematográfica logo no início do século XX (1902) de Georges Méliès (*Le Voyage dans la Lune*) e motivou ainda, em 1958, o filme *From the earth to the moon* de Byron Haskin. E, já agora, acrescente-se que a referida obra de Wells também motivou a leitura cinematográfica de Charles H. Schneer: *First men in the moon* (1964).



Figura 2: *Le voyage dans la Lune* de Méliès



Figura 3: Cartaz do filme *From the earth to the moon* de Haskin



RELICI

65

De la Terre à la Lune (1865), de Jules Verne, faz parte de uma trilogia constituída ainda por *Autour de la Lune* (de 1869) e *Sans dessus dessous* (de 1889). Apesar do final em aberto do primeiro romance (e que justifica a continuidade e desfecho do segundo; o terceiro retomará, sobretudo, um aspeto do primeiro: o problema da inclinação da terra), fixar-nos-emos, exclusivamente, sobre ele nesta nossa presente abordagem⁴.

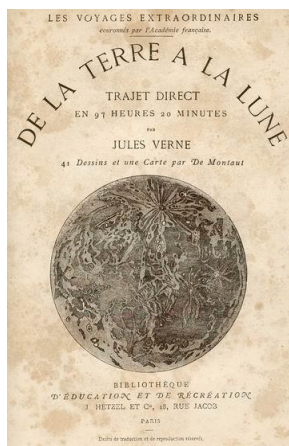


Figura 4: Frontispício da edição original

Composto pelos seus 28 capítulos, o romance *De la Terre à la Lune* explora o absurdo levado ao seu limite: terminada a guerra civil nos EUA (1861-1865), sobreviera a paz que se tornara uma experiência insuportável para um grupo de homens que se reúne regularmente no *Gun Club* e que se dedica, de corpo e alma, à ciência da balística. O olhar irónico e hiperbólico de um europeu/francês sobre os EUA do século XIX perpassa o texto:

Le Gun-Club fondé, on se figure aisément ce que produisit en ce genre le génie inventif des Américains. Les engins de guerre prirent des proportions colossales, et les projectiles allèrent, au delà des limites permises, couper en deux les promeneurs inoffensifs. Toutes ces inventions laissèrent loin derrière elles les timides instruments de l'artillerie européenne. (...) (Verne, 2015: 3).

⁴Edição utilizada: Verne, Jules, *De la Terre à la Lune*, coll. Hetzel, Elcy Éditions, Chine, 2015. O leitor tem à sua disposição traduções portuguesas como a seguinte: Verne, Júlio, *Da Terra à Lua*, Bertrand Editora, Lisboa, 2011 (trad. de Isabel St. Aubyn).

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 61-71, set, 2020
ISSN: 2357-8807



RELICI

Sem nenhuma guerra em perspectiva (fornecer armamento aos europeus ou anexar a Inglaterra chegaram a ser equacionadas como hipóteses alternativas desesperadas), restava o tédio e o ócio. Mas eis que o presidente da referida sociedade científica, Impey Barbicane, propõe a construção de um colossal e superpotente canhão (o *Columbiad*) que pudesse lançar uma bala (projétil) com energia suficiente para atingir a Lua. Assinale-se aqui que, no plano do simbólico, quer *canhão* quer *bala* surgem como claros desafios humanos ao divino (ajudados pelo insinuante Lúcifer)⁵. A sua tão esperada comunicação do projeto, às gentes de Baltimore (e não só), será pronunciada no imenso Salão do *Gun Club*, descrito como um verdadeiro hino ao *kitch* armamentista e bélico (com colunas formadas de canhões sobrepostos, paredes com entrelaçados pitorescos de bacamartes, arcabuzes e carabinas, com a iluminação a gás a brotar de um milhar de revólveres em forma de lustres, etc.):

Cependant l'immense 'hall' offrait aux regards un curieux spectacle. Ce vaste local était merveilleusement approprié à sa destination. Des hautes colonnes formées de canons superposés auxquels d'épais mortiers servaient de base soutenaient les fines armatures de la voûte, véritables dentelles de fonte frappées à l'emporte-pièce. Des panoplies d'espingoles, de tromblons, d'arquebuses, de carabines, de toutes les armes à feu anciennes ou modernes s'écartelaient sur les murs dans un entrelacement pittoresque. Le gaz sortait à pleine flamme d'un millier de revolvers groupés en forme de lustres, tandis que des girandoles de pistolets et des candélabres faits de fusils réunis en faisceaux, complétait ce splendide éclairage. Les modèles de canons, les échantillons de bronze, les mires criblées de coups, les plaques brisées au choc des boulets du Gun-Club, les assortiments de refouloirs et d'écouvillons, les chapelets de bombes, les colliers de projectiles, les guirlandes d'obus, en un mot, tous les outils de l'artilleur surprenait l'œil par leur étonnante disposition et laissaient à penser

⁵ O canhão parece-nos surgir, no texto, conotado como a extraordinária besta construída pela desmesurada ambição e soberba humanas de ultrapassagem dos limites estipulados à sua condição e a descida pelo seu interior feita pelas personagens para uma refeição como uma descida ao reino infernal; a bala surge, igualmente, no texto, como outra configuração do mesmo tipo de desafio humano: "A Dieu la vitesse de l'électricité, la vitesse de la lumière, la vitesse des étoiles, la vitesse des comètes, la vitesse des planètes, la vitesse des satellites, la vitesse du son, la vitesse du vent! Mais à nous la vitesse du boulet, cent fois supérieure à la vitesse des trains et des chevaux les plus rapides!" (Verne, 2015: 37).



RELICI

67

que leur véritable destination était plus décorative que meurtrière (Verne, 2015: 10).

O projeto foi imediatamente acolhido não só pelas gentes de Baltimore como por todos os Americanos que se viam já proprietários/conquistadores do astro satélite:

Il semblait que la blonde Phœbé appartint à ces audacieux conquérants et fit déjà partie du territoire de l'Union. Et pourtant il n'était question que de lui envoyer un projectile, façon assez brutale d'entrer en relation, même avec un satellite, mais fort en usage parmi les nations civilisées (Verne, 2015: 17).

A retórica da conquista do espaço tem, como é sabido, algumas semelhanças com a retórica da conquista do além-mar do tempo dos Descobrimientos portugueses⁶ e isso mesmo aflora neste romance: desde logo, o orgulho pátrio em ser o primeiro a realizar um grande feito como o de “prendre possession de ce nouveau continent des airs et d'arborer à son plus haut sommet le pavillon étoilé des États-Unis d'Amérique” (Verne, 2015: 35). Como diria António Gedeão a propósito do correlato evento real, no seu *Poema do Homem Novo*, “e a Humanidade inteira/ (...)/ viu (...)/ o Homem Novo espetar, no chão poeirento da Lua, a bandeira da sua Pátria,/ exactamente como faria o Homem Velho” (Gedeão, 1997: 211)

Mas tal notícia de atingir a Lua com um projétil ultrapassara já as fronteiras dos EUA e espalhou-se por todo o planeta (“... de Baltimore au monde entier, *urbi et orbi*”, Verne, 2015: 68). Se o projeto era americano, o empreendimento era realizado em nome da Humanidade, pelo que o seu financiamento contou com um contributo internacional. Portugal “poussas on dévouement à la Science jusqu'à trente mille cruzades [cent treize mille deux cent francs]” (Verne, 2015 : 72); é interessante notar o desprezo pelo empreendimento por parte da despeitada

⁶ Cf. Mancelos, João de (s/d.). “‘Dar novos mundos ao mundo’: a retórica dos Descobrimientos portugueses e do programa espacial norte-americano”. <http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/rotas/rotas/joao%20mancelos%20229a244%20p.pdf>
Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 61-71, set, 2020
ISSN: 2357-8807



RELICI

68

Inglaterra e a relativa manifestação de desinteresse por parte da Espanha, mais preocupada com o investimento nos seus caminhos de ferro. A antecipação da globalização e sacralização da ciência está aqui de forma bem evidente.

Resolvidos os três principais problemas técnico-científicos – a bala, o canhão e a pólvora – bem como o da escolha da localização do lançamento – Tampas (Stone's Hill), na Florida (em detrimento do Texas) – eis que tudo se complica quando surge um improvável francês que afirma querer ser passageiro do projétil pelo que o projeto deste terá de ser readaptado. E foi-o de modo a incluir não um, mas três passageiros – o francês Michel Ardan, o presidente Barbicane e o Capitão Nicholl (mais uma excelente cadela de caça e um vigoroso cão terra-nova)⁷. O empreendimento de conquista do Espaço tornara-se, pois, franco-americano (*vide* p. 133) e o disparo da cápsula realizara-se no dia e hora esperados, mas não teria atingido a Lua como projetado, ficando a gravitar na órbita elítica lunar (embora pudesse vir a atingir a Lua por efeito da atração desta, *vide* p. 167). Não se fica a saber o desfecho, oferecendo-nos a narrativa um final em aberto.

Este é um romance sobre as possibilidades e limites do conhecimento humano. É verdadeiramente extraordinária a diversidade das áreas do saber aqui envolvidas: balística; física; geometria; ótica; cosmografia-astronomia; geologia; matemática; mecânica e topografia. E se reconhecemos muito facilmente, nos referidos saberes, áreas pertencentes à ciência moderna, também estão presentes as áreas da filosofia, da retórica bem como da arte literária, esta particularmente patente em capítulos onde se recorre a uma retórica da citação literária a propósito da Lua (Jean Baudoin, Cyrano de Bergerac; Bernard Fontenelle, Richard Adams

⁷ *Vide De la Terre à la Lune*, p. 155. A metáfora bíblica está muito evidente no texto, fazendo-se referência explícita à Arca de Noé, bem como à confusão das línguas na Torre de Babel (*vide* p. 154 e p. 157).



RELICI

69

Locke⁸, Edgar Allan Poe) ou noutros contextos discursivos (William Shakespeare, Alexander Pope). Verne mostra-nos como é importante para o avanço da Humanidade a aliança do *útil* (a técnica) e do *inútil* (a arte / a literatura / a cultura/ a filosofia) como a que juntará Barbicane e Michel Ardan no mesmo vagão-projétil. A ciência/técnica pela ciência/técnica não chega para a felicidade humana. Diz J.-T. Maston nas últimas linhas deste romance, referindo-se aos seus amigos Ardan, Barbicane e Nicholl: “A eux trois il s'emportent dans l'espace toutes les ressources de l'art, de la Science et de l'industrie” (Verne, 2015: 170). Por outro lado, nem a ciência sem consciência do erro como elemento produtivo terá êxito: toda a alteração num sistema fechado terá consequências como demonstrou o caso do gato que comeu o esquilo dentro da granada (*vide p. 138*) ou do cão que morreu na viagem e foi lançado borda fora (*vide Autour de la Lune*).

O romance articula obviamente a imaginação literária com a ciência e o saber do seu tempo (século XIX) de forma tão eficaz e singular que a capacidade de antecipação científica espantará o leitor menos habituado a tal tipo de escrita. Mas, para além dessa dimensão antecipatória a que aludíamos atrás, importa referir ainda a visão crítica / irónica acerca dos impérios decadentes (modelos para os novos impérios), embora ao mesmo tempo uma visão, de certo modo, fascinada por esse mesmo decadentismo amplificado / grandioso do novo império representado pelos EUA. Tudo nos EUA, para um europeu, é maior ou mais amplificado do que o normalmente conhecido até então. A concretização de um desejo antigo da Humanidade é realizada pela amplificação-hiperbolização da realidade. Do ponto de vista estilístico, dominam, pois, nesta narrativa de ficção científica oitocentista, uma retórica da ironia e uma retórica da hipérbole.

⁸ Locke (1800-1871), o célebre jornalista e escritor de ficção científica que, em agosto de 1835, escreveu, sob a capa de um ficcionado Dr. Andrew Grant, seis artigos (“Great MoonHoax”) para o *New York Sun*, acerca de uma pretensa descoberta científica: a observação, através de um telescópio, não só de vida fantástica como de civilização na Lua, atribuída a um reputado astrónomo da época – Sir John Herschel.



RELICI

70

Em *De la Terre à la Lune* e *Autor de la Lune*, Júlio Verne pôs o Homem a gravitar em torno da Lua e fê-lo regressar a Terra. Em 1969, a ficção fez-se realidade e Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins realizaram esse sonho da Humanidade: ir à Lua e regressar. Esse imenso júbilo é, simultaneamente, uma forte decepção: o Homem está / continua só no Universo. Todavia, o Homem pôde também, pela primeira vez, ver-se do outro lado do espelho, isto é, olhar o planeta Terra a partir da Lua. E isso obriga-o a pensar no seu destino e no do seu planeta como sendo algo de inseparável. Verne também antecipará, aliás, algo que o nosso tempo tornou premente – a questão ambientalista.

REFERÊNCIAS

Fontes impressas:

GEDEÃO, António (1997). *Poesia Completa*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda. (2^o ed.).

VERNE, Jules (2015). *De la Terre à la Lune*. Chine: Elcy Éditions (1^a ed. ,1865).

VERNE, Júlio (2011). *Da Terra à Lua*. Lisboa: Bertrand Editora (trad. de Isabel St. Aubyn).

Fontes digitais:

MALATO, Maria Luísa (s/d.). “Júlio Verne, da Terra à Lua: uma parábola do Conhecimento muito útil para quase tudo”. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12525.pdf> (data de consulta: janeiro de 2019).

MANCELOS, João de (s/d.). “‘Dar novos mundos ao mundo’: a retórica dos Descobrimientos portugueses e do programa espacial norte-americano”. <http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/rotas/rotas/joao%20mancelos%20229a244%20p.pdf> (data de consulta: janeiro de 2019).

Imagens:

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 61-71, set, 2020
ISSN: 2357-8807



RELICI

71

Figura 1: Cartaz do filme *O primeiro homem na Lua* de Chazelle
<https://mb.web.sapo.io/7da5608047d3fc40c9c999a491558e812cf5f38d.jpg>
(data de consulta: janeiro de 2019).

Figura 2: *Le voyage dans la Lune* de Méliès
https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fi.ytimg.com%2Fvi%2FaNcxCR7f2MQ%2Fmaxresdefault.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3DaNcxCR7f2MQ&docid=W_Mla3d44QPp4M&tbnid=mzdxdfa3sRs6M%3A&vet=10ahUKEwjTz6jOou7fAhXFxlUKHcpMDCIQMwg3KAAwAA..i&w=1280&h=720&bih=920&biw=1920&q=le%20voyage%20dans%20la%20lune%20de%20george%20m%C3%A9li%C3%A8s&ved=0ahUKEwjTz6jOou7fAhXFxlUKHcpMDCIQMwg3KAAwAA&iact=mrc&uact=8
(data de consulta: janeiro de 2019).

Figura 3: Cartaz do filme *From the earth to the moon* de Haskin
<https://www.harringtonbooks.co.uk/pictures/33472.jpg?v=1300804279>
(data de consulta: janeiro de 2019).

Figura 4: Frontispício da edição original
https://www.google.com/search?q=de+la+terre+%C3%A0+la+lune+de+J.+Verne+1%C2%AA%C3%A9dition&rlz=1C1GGRV_enPT751PT751&tbn=isch&source=iu&ictx=1&fir=X-DovHQWWEDEM%253A%252C7FiuAvcDsZTlpM%252C_&usg=AI4_-kSC24sTmDOJ9hez8OnR9W2BIGNYA&sa=X&ved=2ahUKEwj6msXt9_ffAhU67uAKHQTUDm4Q9QEwBXoECAQQDA#imgsrc=X-DovHQWWEDEM:
(data de consulta: janeiro de 2019).jm